



Leili

Manuel Alves
COM ILUSTRAÇÕES DO AUTOR

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.org](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



Lili

By Manuel Alves
Copyright 2013 Manuel Alves
Smashwords Edition

Índice

[A casa nova.](#)

[Olá, sapo lindo.](#)

[Cacau quente.](#)

[O sótão.](#)

[Mão Que Puxa.](#)

[Bons sonhos.](#)

[O autor](#)

A casa nova.



Lili acabara mesmo de mudar de casa. *Novamente*. Era a segunda vez, em menos de um mês, que os pais encaixotavam tudo para voltarem a desencaixotar. Na primeira casa, ficaram quase duas semanas, e Lili já começava a conhecer todos os cantos secretos. Só lhe faltava explorar a cave. Mas voltaram a encaixotar tudo dois dias depois de a mãe ter começado a escrever o livro novo. Durante duas noites seguidas, Lili acordou a gritar com um pesadelo horrível. Sonhou com um homem alto muito baixo que tinha tanto de gordo como de magro. Lili chamou-lhe o Homem Que Muda. No pesadelo, aparecia-lhe cego, mas olhava-a nos olhos. Era mudo, mas falava. Dizia sempre a mesma coisa: *não desças à cave*.

Os pais decidiram mudar-se para uma casa sem cave. A mãe tinha dito que debaixo do chão era um lugar cheio de ratos, cobras e minhocas, e que numa casa sem cave não tinham de se preocupar com nada disso. Lili não gostava de ratos, nem de cobras, nem de minhocas. Bem, talvez não se importasse com as minhocas. Eram moles e escorregadias mas andavam sossegadas nas suas vidas e não incomodavam. Mas Lili achava que os pais só escolheram uma casa sem cave para ela deixar de ter pesadelos. Ela percebeu bem a intenção quando o pai lhe disse, com aquela voz de adulto que explica mistérios às crianças, que a única coisa que havia debaixo do chão era o *debaixo do chão*, e mais nada que lhe desse preocupação.

Lili decidiu não pensar muito nisso. Tinha uma casa nova para explorar. Ao fundo do corredor do primeiro andar, descobriu um fio colorido pendurado no tecto. Puxou-o para baixo e desceu uma escada articulada que chiou uma voz fininha de madeira esquecida pelo uso.

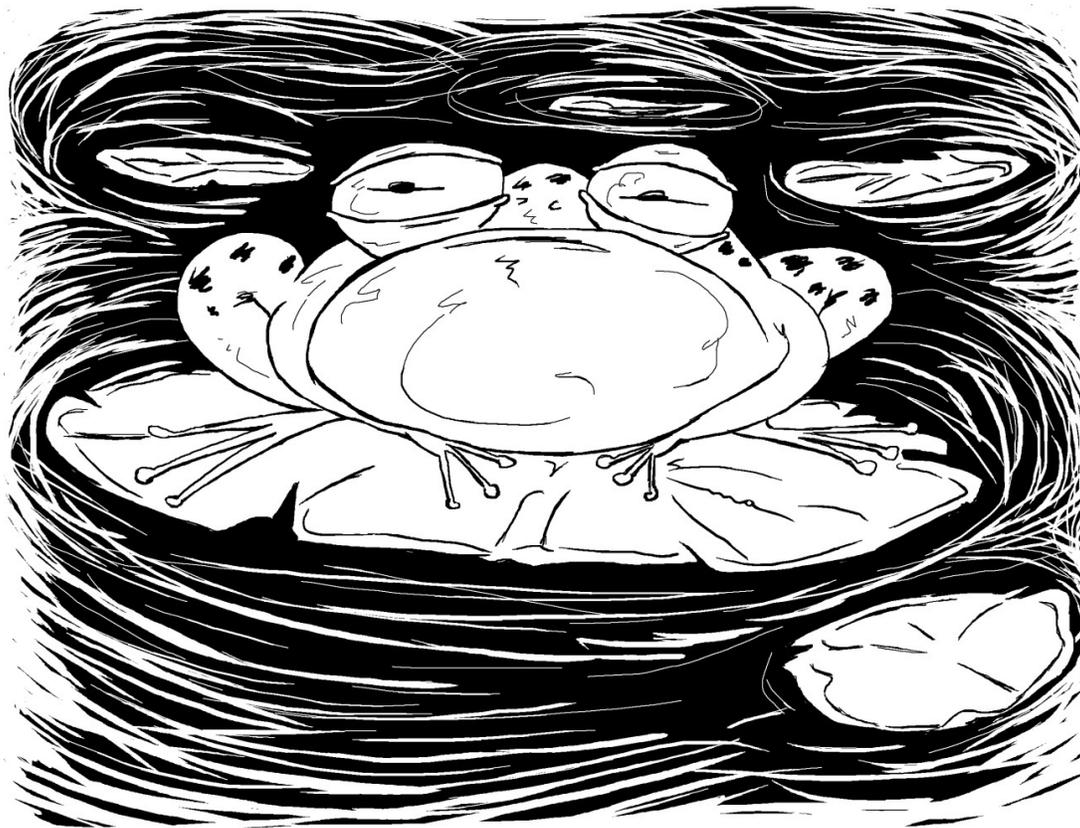
— Mãe, há sótão — disse Lili, já a planear explorações.

A mãe não respondeu do andar de baixo. Estava ocupada a desencaixotar louça que era para usar e louça que não era para usar, talheres para meter à boca e talheres para meter nas gavetas, livros lidos e por ler, molduras com fotografias e sem fotografias, e mais uma infinidade de coisas que os pais insistem que são necessárias ou que ficam bem em algum lado da casa.

Lili encolheu os ombros e olhou para o cimo da escada com uma daquelas vontades de descobrir o mundo em dois minutos e meio de exploração. A ideia de um sótão prometia tesouros deixados por

gerações de moradores que esqueceram sempre ali qualquer coisa durante as mudanças. Talvez um pote de ouro. Ou a fonte do arco-íris. E unicórnios, tinha de haver pelo menos um unicórnio. Fadas eram opcionais. Lili achava que as fadas eram Barbies com asas, que sujavam tudo com pó mágico; uma ideia parva que lhe valeu um sorriso. Por cima das cabeças das pessoas só podia haver coisas boas. Ia explorar o sótão quanto acabasse de fazer o reconhecimento do jardim. Assim, conhecia tudo de fora para dentro. Até porque parecia-lhe que era capaz de não demorar muito antes que começasse a chover, e era melhor começar por fora.

Olá, sapo lindo.



Lili estava de queixo apoiado nos braços, debruçada sobre o rebordo de pedra do chafariz velho do jardim. Há uns bons dez minutos que travava uma difícil batalha do jogo do sério com um sapo pançudo que parecia incapaz de saltar a mais pequena distância para longe do seu nenúfar.

— És um príncipe? — disse ela, para o sapo. — Se fores, dizes-me? É que eu não quero beijar um sapo *mesmo* sapo se não fores um sapo príncipe. Desculpa, mas é assim. Não fui eu que inventei as regras.

A cara sorridente de Lili estava reflectida em duplicado nos olhos esbugalhados do sapo, que a olhava completamente alheio à possibilidade de estar prestes a ser beijado.

— Sabes guardar um segredo? — disse ela, num sussurro acompanhado de olhares desconfiados para vários cantos do jardim. — Acho que nesta casa nova não vou ter pesadelos. Não há cave.

Lili subiu os ombros e encolheu o pescoço num risinho. Tocou com a ponta do indicador na água, desenhou um círculo rápido e chapinhou umas pingas para provocar o sapo. Ele nem se mexeu.

— Acho que esta casa é diferente — disse Lili, com uma esperança a flutuar-lhe nas sobrancelhas. — Tu já vives aqui há mais tempo e deves saber. Para mim, é nova mas, para ti, é velha. Coisas parvas do tempo, sabes como é. Achas que ela não deixa entrar pesadelos? Se me disseres, podemos ser amigos. Mesmo que não sejas um sapo príncipe.

O sapo encheu duas vezes o fole do papo e continuou com os olhos esbugalhados concentrados no jogo do sério.

— Acho que também não sabes nada — disse Lili, desanimada. — Se me disseses, até podia dar-te um beijo mesmo que sejas só sapo *sapo*.

O sapo estremeceu num susto que o deixou com um energia capaz de acreditar que era o campeão de saltos para a água. Mergulhou e desapareceu por entre as algas, na parte mais turva da água do chafariz.

Lili ficou com uma expressão que lhe repartia o rosto entre o desânimo de não saber das coisas e a solidão de não ter com quem brincar. Se calhar, era tão chata que até os sapos se assustavam com a

chatice dela.

— O sapo não se assustou contigo — disse alguém, atrás dela.

Lili reconheceu de imediato a voz. Nunca a tinha ouvido naquele tom, porque sempre que lhe falara tinha sido num tom diferente, mas só sabia de uma pessoa que era capaz de lhe ler os pensamentos. Só que não era bem uma *pessoa*.

— Vais assustar-me? — disse ela.

— Não desta vez — disse a voz, numa entoação diferente da anterior.

— Se eu me voltar tu vais desaparecer?

— Não.

Lili ficou um pouquinho a olhar para a ondulação deixada na água pelo mergulho do sapo. Teve impressão que lhe conseguiu ver os olhos esbugalhados a espreitarem, com medo, por entre as algas, com se lhe dissesse que era melhor ela não se voltar. Lili voltou-se e viu o Homem Que Muda.

— Parece que, então, os pesadelos não acabaram — disse ela.

O Homem Que Muda sorriu ao mesmo tempo que permaneceu sem expressão.

— Isto não é um pesadelo, Lili — disse ele.

— Isso quer dizer que, desta vez, o sonho vai ser bom?

— Não estás a sonhar.

— Lili, anda para dentro — chamou a mãe, da porta de entrada.

Lili olhou para ela, numa reacção automática, e quando se voltou para o Homem Que Muda ele já não estava ali.

— Lili — insistiu a mãe. — Antes que chova.

— Sim — disse Lili. — Já vou...

Disse que já ia sem convicção. Não queria ir. Queria ficar e descobrir onde é que o Homem Que Muda se meteu. E como é que ele podia falar com ela fora dos sonhos?

— Vou fazer cacau quente — disse a mãe. — Quem não estiver, não tem.

Lili manteve um sorriso até a mãe fechar a porta. Subiu o queixo e estudou a variedade de cinzentos que separavam as nuvens boazinhas das zangadas. As nuvens de tonalidades clarinhas eram boazinhas. As nuvens mais carregadas eram zangadas. Eram as que faziam chover muito tempo até aborrecerem dias inteiros.

— Não há só coisas boas por cima da cabeça — disse ela, num sussurro quase tão secreto como um pensamento que lhe fez mover os lábios.

Sentiu o toque de uma mão cuidadosa no ombro e um sussurro chegou-lhe ao ouvido.

— Não subas ao sótão — disse o Homem Que Muda.

Lili voltou-se num susto de curiosidade. O Homem Que Muda desapareceu como névoa que ela dissipou com a meia volta do corpo. O Homem Que Muda falava-lhe sempre com voz de canela. Cada palavra lembrava-lhe o cacau quente que a mãe fazia, uma receita secreta herdada da avó, que polvilhava o creme na superfície do cacau com uma pitadinha de canela que deixava um cheirinho bom no ar. Era assim a voz do Homem Que Muda. A única coisa nele que nunca mudava.

Cacau quente.



Lili tinha a caneca do cacau quente cercada com as duas mãos. Era uma caneca amarela com uma asa de dois buraquinhos muito pequenos para dedos de adultos, que só deixavam passar um dedo em cada um, e tinha escrito, em letras vermelhas, que ela mesma pintou, «Lili bebeu aqui». Lili acabara mesmo de mudar de roupa e a mãe secava-lhe o cabelo. As nuvens zangadas tinham-na apanhado antes de conseguir entrar em casa. Era a sua versão dos acontecimentos para não ter de admitir que apanhou uma molha por não ter entrado logo que a mãe chamou. Procurou o Homem Que Muda em metade do jardim. A chuva não a deixou procurar na outra metade.

— Pelo menos, desta vez, não tentaste abrigar todos os animais da rua — disse a mãe, com uma pontinha de riso.

Lili rolou os olhos para cima e sorriu quando a mãe lhe prendeu a toalha num turbante e lha deixou enrolada na cabeça. Encostou os lábios à caneca e soprou antes de beber um gole de cacau quentinho.

— Ainda não os conheço todos — disse Lili, com um sorriso de lábios contra a caneca. — Há um sapo no chafariz.

— Um sapo príncipe, presumo — disse o pai, ao entrar na cozinha.

— *Ná* — disse Lili, com uma pequena decepção. — Acho que aquele é mesmo só sapo *sapo*.

O pai trocou olhares com a mãe, e ambos sorriram.

— Não se transformou com um beijo? — disse o pai, enquanto se servia de cacau quente.

O pai beijou a mãe, como recompensa por ter feito o cacau quente, e Lili observou a cena com um sorriso que lhe aquecia tanto o coração como a caneca aquecia as mãos. O pai era o príncipe encantado da mãe. E ele nunca foi sapo. Pelo menos, que Lili soubesse. Se o pai tivesse sido sapo príncipe, não lhe ia esconder uma coisa dessas. A caneca do pai era torta para o lado da asa, uma imitação da Torre de Pisa. Coisa de arquitectos. O pai achava-lhe piada. Dizia que, ao beber daquela caneca todos os dias, nunca se esquecia de desenhar casas que, depois de construídas, ficassem direitas. O pai ria-se quando

dizia isso. Ainda para mais que ele já não era arquiteto. Agora era ilustrador e fazia desenhos que Lili achava muito mais bonitos do que aqueles esqueletos de casas que o pai costumava fazer.

O pai olhou pela janela, e a chuva que crepitava nos vidros provocou-lhe um arrepio que ele mandou embora com o primeiro gole de cacau quente.

— Suponho que não houve príncipe — disse ele, de lábios encostados à caneca.

— Mas sei bem quem se transformou numa *esponja* cheinha de água — disse a mãe, enquanto fazia tilintar a caneca dela com a unha do indicador.

Lili encolheu os ombros com um ar culpado. A caneca da mãe era mais chávena grande do que caneca, daquelas que uma pessoa quase gigante usaria para beber chá. A mãe apenas bebia por aquela caneca quando só estavam eles os três. Quando convidava alguém para ir a casa; a *primeira* primeira casa, antes de se mudarem para a outra, onde passaram duas semanas; a mãe servia chá. A mãe escrevia livros para crianças. Lili achava que não era bem assim, porque ela leu os livros da mãe, gostou de todos, e já não se considerava *criança*. Uma pessoa, com onze anos, quase doze, já não é uma criança. Ainda para mais as raparigas, que chegam mais cedo à adolescência. Nada disso, Lili já não era criança. E se ela não era criança, e gostava dos livros da mãe, então, os livros da mãe não era para crianças. Mas também podia ser que a mãe escrevesse livros para crianças que todas as pessoas gostassem de ler. Era mais isso. E os livros ainda tinham mais piada porque era o pai que fazia os desenhos para eles.

— Foram as nuvens zangadas — disse Lili, com um ar muito inocente.

— É sempre qualquer coisa, *menos* a Lili — disse a mãe, habituada a pretextos criativos. — Um dia destes, estás a escrever histórias comigo.

— E era capaz de ser mesmo boa ideia arranjar *alguém* para fazer uns desenhos bonitos — disse o pai, com uma insinuação muito pouco subtil acerca de quem seria esse *alguém*.

— Só o melhor ilustrador do mundo, *pai* — disse Lili, com um sorriso no canto dos lábios a mostrar que ela percebia um bocadinho de subtilezas pouco subtis.

— Já subiste ao sótão? — disse a mãe para o pai.

Lili arredondou logo os olhos num interesse muito atento.

— Acho que dá para montar lá um estúdio — disse o pai. — Tem uma janela grande e muita luz natural.

— Eu posso ajudar — disse Lili, esquecendo de imediato o aviso do Homem Que Muda.

— Se a menina conseguir fazer também os trabalhos de casa — disse o pai.

— Não tenho trabalhos de casa, pai. Estou *doente*, lembras-te?

— Não sejas espertinha — disse a mãe. — Só tens uns dias de dispensa, por recomendação da senhora Marta.

— Podes dizer *psicóloga*, mãe. Eu sei bem que é por causa dos sonhos. Não é nenhum *trauma* nem nada. E esta casa nem sequer tem cave.

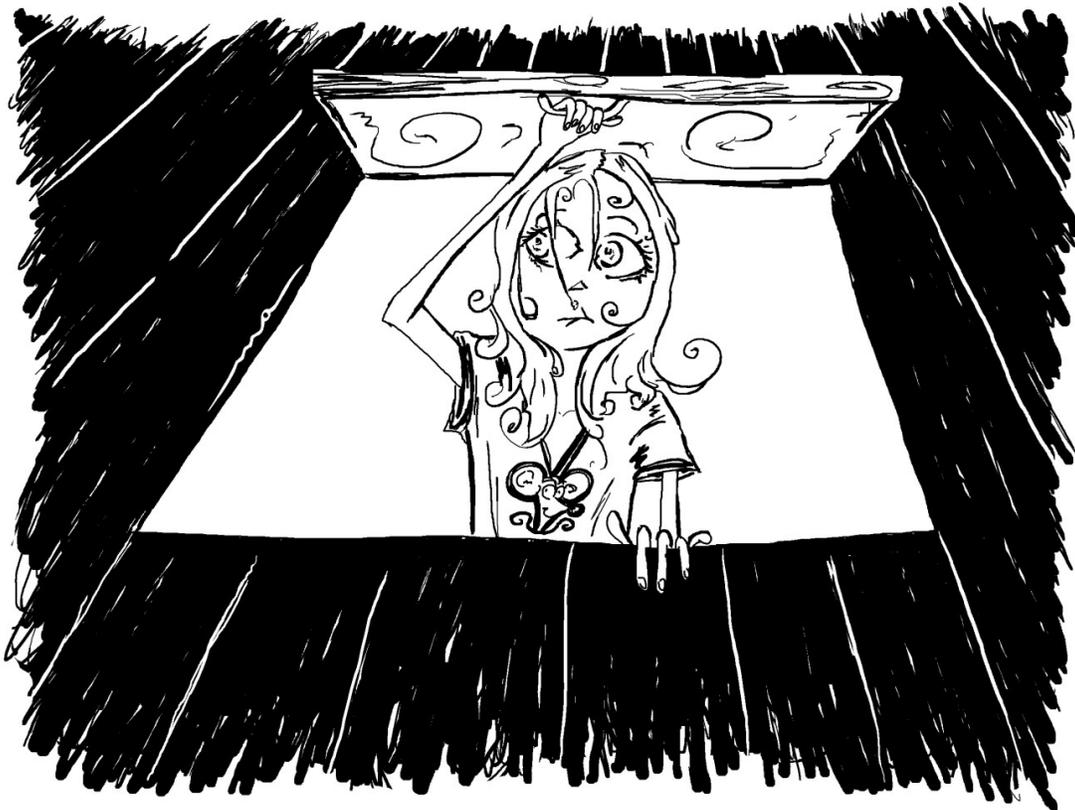
A mãe e o pai trocaram olhares divertidos disfarçados com goles de cacau quente.

— Então, é melhor começarmos hoje mesmo — disse o pai. — Não queremos desperdiçar a *recomendação* da senhora Marta psicóloga.

— E eu *recomendo* que não façam muito barulho a arrastar móveis — disse a mãe. — *Alguém* tem de se concentrar para escrever uma história.

Lili sorriu com o cheirinho da canela a evaporar-se da caneca de cacau quente. Os pais eram uns fixes.

O sótão.



Lili tinha-se distraído a fazer desenhos nos vidros embaciados das janelas que davam para o jardim, e quando se apercebeu estava sozinha na cozinha. Terminou de desenhar a coroa real sobre a cabeça de um sapo pançudo e saiu da cozinha com lentidão preguiçosa de casa quentinha em dia de chuva. Espreitou para a sala e viu a mãe em frente à lareira acesa, sentada no pufe amarelo, com o portátil no colo, a escrever. O pufe amarelo era para aí da idade de Lili. Era quase um animal de estimação da mãe, que o arrastava por todo o lado, para poder sentar-se no canto da casa que lhe apetecesse no momento. Era velhinho, para um pufe. Não era velhinho *velhinho*, porque tinha a mesma idade de Lili, e ela ainda era muito nova, mas era velhinho para um pufe. Mas não tão velhinho como a *primeira* primeira casa. Foi por isso que tiveram de mudar. O pai disse que era qualquer problema com a canalização, que mais valia mudar de casa do que arranjar os canos. E térmitas. Parece que os bichinhos também eram um problema muito sério. Não tão sério quanto os pesadelos que Lili teve na casa anterior, onde só moraram durante duas semanas. Ainda bem que o pai conseguiu que a senhora da imobiliária deixasse trocar por outra casa. Lili não sabia bem se a senhora tinha *deixado*. Só ouviu o pai dizer que o advogado dele podia arranjar maneira de anular o contrato e que, se ela não lhe arranjasse outra casa *sem cave*, ele podia fazer negócio com a concorrência. A *concorrência* devia ser alguém capaz de meter muito medo, porque a senhora da imobiliária arranjou outra casa depressinha.

A mãe olhou para o tecto quando um barulho veio do andar de cima. O pai devia estar a arrastar coisas pelo corredor para o sótão. A mãe sorriu com um aceno de cabeça e voltou à escrita. Lili deixou-a entregue à história do livro novo e subiu as escadas. Ao fundo do corredor, a escada de acesso ao sótão estava descida. O barulho vinha mesmo lá de cima.

Lili subiu os degraus de madeira e, à medida que a cabeça se elevava acima do nível do chão, imaginou-se a entrar em outra dimensão, onde o próprio ar era um feitiço criado por algum pó mágico que brilhava quando atravessava um raio de luz.

— A menina veio para ajudar ou foi só para ver? — disse o pai, com uma formalidade de brincadeira, ao vê-la especada nos degraus da escada com a cintura ao nível do chão.

— Posso ver primeiro e ajudar depois?

— Isso quer dizer que eu vou fazer o trabalho todo e que a menina só vai observar o trabalho feito, não é?

Lili encolheu os ombros, numa admissão de preguiça. O pai conhecia-lhe a manha à distância.

— Encontraste alguma coisa interessante? — disse ela, com esperança de obter já uma lista completa de todos os tesouros ali esquecidos.

— Ainda não tive tempo. Porque é que não procuras tu, enquanto acabo de trazer cá para cima o meu material de pintura?

Lili torceu o nariz. Seria mesmo melhor que o pai já tivesse uma lista feita, tipo mapa do tesouro, e ela só tivesse de encontrar as coisas interessantes sem perder tempo com baús vazios, gavetas que só tinham cotão e isso.

— A não ser que prefiras ajudar-me — disse o pai, já a adivinhar a resposta.

— Aquele cantinho parece-me bom para começar a procurar — disse Lili, com um sorriso de quem se esquivava de tarefas pouco agradáveis.

O pai sorriu com um aceno de cabeça e espanou as mãos numa nuvem de pó que brilhou ao atravessar o raio de luz que entrava pela janela grande. Viu-se, lá muito em cima, uma aberturazinha no céu escuro que deixou passar um fiozinho de sol. Desapareceu logo de seguida e o pó ficou invisível.

— Se encontrares algum tesouro, quero a minha parte — disse o pai, já da escada.

Lili sorriu-lhe até deixar de lhe ver a cabeça. Ficou sozinha no sótão.

— Vieste — disse uma voz, de um canto escuro.

Lili estremeceu e voltou-se para o canto. Esquinou os olhos para a abertura da escada, na esperança de ver a cabeça do pai aparecer bem depressa.

O Homem Que Muda saiu da sombra, com passos rápidos que avançavam lentamente.

Lili achou que a voz estava novamente diferente. Na verdade, achou que o Homem Que Muda estava *todo* diferente. Mas, afinal, ele estava *sempre* diferente.

— Porque é que me disseste para eu não vir ao sótão? — disse ela.

O Homem Que Muda reflectiu um instante, ao mesmo tempo que pareceu precipitar-se numa resposta apressada.

— *Disse*, não disse? — disse ele, como se confirmasse a recomendação e, ao mesmo tempo, a esquecesse. — Mas tu não fazes sempre tudo o que te dizem, pois não?

— Às vezes — disse Lili. — Mas ninguém faz sempre tudo o que os outros dizem.

— E se eu te disser que há uma maneira de fazeres sempre tudo o que quiseres?

— Também ninguém faz sempre tudo o que quer — disse Lili, convencida de que ali havia gato escondido com o rabo de fora.

— Há uma maneira. Há um lugar onde é possível. Tudo o que quiseres.

— Deve ser muito longe, porque eu nunca ouvi falar desse lugar.

— É e não é — disse o Homem Que Muda, num tom vago que transmitiu certeza. — Eu posso mostrar-te. Só precisas de vir comigo.

Lili fitou a mão estendida do Homem Que Muda. Pareceu-lhe uma mão muito grande para um braço tão pequeno. Ou talvez fosse uma mão muito pequena para dedos tão grandes.

— Acho que vou ficar aqui — disse ela. — A minha mãe e o meu pai deixam-me fazer tudo o que eu gosto, e isso é tudo o que eu quero.

O Homem Que Muda inspirou um silvo que, em vez de encher, lhe esvaziou os pulmões. Aproximou-se numa linha recta que percorreu a distância aos ziguezagues.

Lili susteve a respiração quando a cara do Homem Que Muda ficou a um palmo do nariz dela.

— És uma menina muito esperta — disse ele.

Lili teve a certeza de que tudo estava diferente no Homem Que Muda. *Tudo* mesmo. A voz dele picou-lhe no nariz e fez-lhe lágrimas nos olhos. O Homem Que Muda tinha voz de pimenta. Lili libertou-se das picadelas no nariz com um espirro que soprou a pele do Homem Que Muda como se ele fosse um espantalho coberto de pó. Por baixo da ilusão, estava um homem muito alto, magrinho como arame, com umas mãos tão grandes como metade dos braços e dedos tão compridos como os braços inteiros.

— Tu não és o Homem Que Muda! — disse Lili, com um medo que não a deixou dizer mais nada.

— Muito esperta, *mesmo*. Eu sou...

— Mão Que Puxa — disse o Homem Que Muda, atrás dele.

O Homem Que Muda fechou o punho direito e acertou-lhe um murro no queixo com o punho esquerdo.

Mão Que Puxa deslizou para trás, de pé, pelo soalho, com os pés fininhos de arame a riscarem as tábuas, como se a luz do dia que entrava pela janela o puxasse pelas costas. Foi um erro de impaciência não ter esperado pela noite. De dia, o seu poder era menor. E era menor ainda numa casa sem cave. Mão Que Puxa não podia voltar a desaparecer no canto escuro de onde saíra. Teria de passar pelo Homem Que Muda. Mas o sótão tinha outras saídas. Mediu a distância entre ele e uma cama velha de ferro, arrumada por baixo de um monte de tralha. Mão Que Puxa esticou os dedos, que se tornaram várias vezes mais longos do que ele, e enrolou as pontas fininhas de arame às pernas da cama. Firmou-se e puxou, como se os dedos muito longos fossem os elásticos esticados de uma fiska que lhe disparou o corpo para debaixo da cama.

O Homem Que Muda só teve tempo de afastar Lili do caminho. Ela ficara entre os dedos esticados de Mão Que Puxa que, por pouco, teria conseguido levá-la com ele.

Lili sentiu-se protegida nos braços gentis do Homem Que Muda, mesmo quando dois olhos brilharam debaixo da cama antes de desaparecerem numa paciência silenciosa que aguardaria a chegada da noite.

— Eu disse-te para não vires ao sótão — disse o Homem Que Muda.

A voz de canela tranquilizou Lili. Era mesmo ele. Lili arqueou as sobrancelhas, num arrependimento verdadeiro.

— Mas não me disseste porquê...

O Homem Que Muda gastou um segundo pensativo que passou sem ele ter de facto pensado. Não podia dizer que ela não tivesse alguma razão.

— Se eu te dissesse o motivo, fazias o que eu disse?

— Se calhar. E também não me disseste que ele podia disfarçar-se de ti.

— É um truque novo. Mão Que Puxa não é uma criatura qualquer. Logo explico-te.

O corpo do Homem Que Muda evaporou-se em volta de Lili e deixou no ar um cheirinho de cacau quente polvilhado de canela.

— Já encontraste a arca do tesouro? — disse o pai, ao subir a escada.

Lili estava sentada no gémeo do pufe amarelo da mãe, que pertencia ao pai. Na verdade, estava *afundada* como se o pufe a abraçasse. Espreguiçou-se e esfregou os olhos, como quem tinha acabado de acordar. O pai trazia um bloco de desenho debaixo do braço e uma caneca de cacau quente fumegante em cada mão.

— Ainda sobrou algum — disse ele, ao pousar as canecas num banquinho redondo de pernas altas. — Por acaso, não adormeceste no pufe enquanto eu fui lá em baixo, pois não. Os tesouros não se encontram sozinhos.

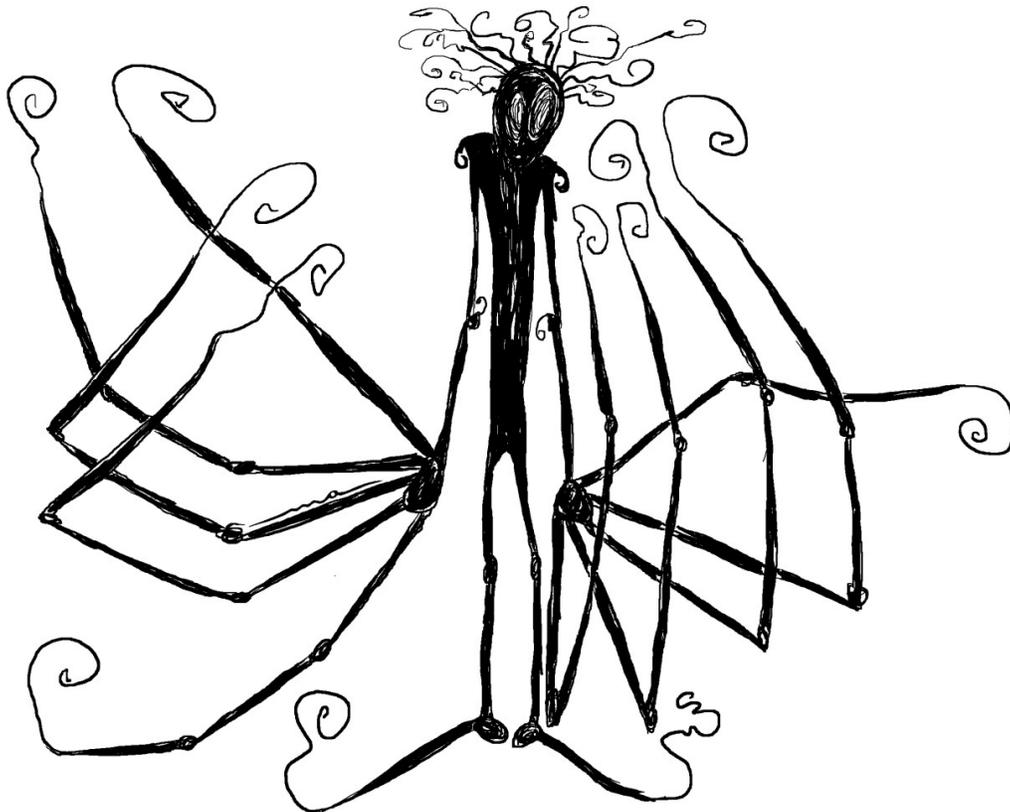
O pai sorriu perante a possibilidade de Lili ter conseguido dormir descansada, mesmo que fosse só uns minutinhos, depois das últimas noites em que acordou com pesadelos. Colocou o bloco de desenho no cavalete todo colorido com manchas de tinta e olhou para dentro das canecas. Mediu o conteúdo a olho e decidiu que a caneca de Lili ainda levava mais um bocadinho de cacau. Inclinou a caneca da Torre de Pisa sobre a amarela e o ar ficou uma coisa boa a saber a cacau quente polvilhado de canela.

Lili bocejou e aceitou a caneca num movimento que a encostou logo aos lábios, num gole que lhe acabou com o arrepio que lhe arrefeceu o corpo quando desviou um olhar breve para debaixo da cama velha esquecida no monte de tralha.

— Agora, se conseguires ficar quieta uns minutinhos, faço-te um retrato — disse o pai, já a tirar-lhe as medidas com um olho semifechado a usar o lápis como régua de escala.

Lili deixou-se ficar quieta, enquanto o pai lhe desenhava o retrato. O sótão já não parecia tão assustador.

Mão Que Puxa.



A mãe estava a fazer o jantar e o pai estava a ajudar. Era uma coisa que faziam sempre a meias. Às vezes, era o pai a fazer e a mãe a ajudar. Lá se entendiam. Lili gostava de os observar, porque havia sempre algum disparate para a fazer rir. Normalmente, o pai era o responsável pelos disparates mais palermas que podiam ir de um espantalho feito só de legumes a desenhos com cenoura raspada sobre a tábua de cozinha. A mãe era mais de escrever pequenas rimas com massa de letras num prato ou numa travessa. Uma vez ou outra, molhava as letrinhas e colava-as na porta do frigorífico e deixava-as ficar até secarem e caírem. A mãe escrevia e o pai lia, a fazer vozes diferentes consoante o tema da rima.

Um cheirinho a canela chegou ao nariz de Lili, e não vinha da cozinha. Lili deixou a mãe e o pai entretidos na cozinha e seguiu o nariz até à sala. O portátil da mãe estava ligado no chão, junto ao pufe, em frente à lareira. Lili sabia que era uma palermice, mas o cheirinho bom parecia-lhe vir do portátil aberto, como se no seu lugar estivesse uma caneca de cacau quente, acabadinho de fazer e polvilhado de canela.

— Lê — disse o Homem Que Muda.

Lili suspendeu a respiração num pequeno susto. Não tinha visto o Homem Que Muda sentado no pufe. Quando ela entrou na sala, de certeza que ele *não estava* ali. E agora era *mesmo* ele, porque tinha voz de canela.

— Como é que tu fazes isso? — disse Lili, com esperança de que ele lhe revelasse ou o segredo da invisibilidade ou de como se aparecia do nada.

— Acreditas que eu estou aqui?

— Estou a ver-te, falo contigo e tu falas comigo. Se não estiveres, eu sou maluquinha, não é?

O Homem Que Muda mostrou um sorriso sem que o sorriso fosse visível.

— É assim que funciona — disse ele. — Estou aqui porque tu acreditas que estou.

— Olha, tu sabes que com essa resposta eu fico a saber o mesmo, não sabes? — disse Lili, com um cruzar de braços insatisfeito.

— Há coisas mais importantes para saberes, Lili.

— Ai sim? Que coisas?

— Lê — disse o Homem Que Muda, de mão estendida para o portátil sem fazer gesto algum.

— A mãe não gosta — disse Lili, de olho na porta da sala, mas com vontade de ler. — Ela só mostra depois de acabar.

— Se tu não leres, a tua mãe não vai conseguir acabar a história.

Lili gastou uns segundos num jogo do sério com o Homem Que Muda. Os olhos dele reflectiam as chamas da lareira e no instante a seguir já não reflectiam nada. *Mesmo* nada. Isso confundia Lili tanto como as palavras. Não estava a entender nada do que ele disse.

— Vais explicar-me isso? — disse ela.

— Se leres, entenderás sozinha.

Lili olhou de fugida para a porta da sala e sentou-se no chão, em frente ao portátil aberto. Parecia mesmo que não tinha outro remédio. Leu.

«É à noite, um bocadinho antes de as crianças adormecerem, mas só quando adormecem depois da hora certa, que aparece o medo das coisas que se escondem debaixo da cama. No meio de todos esses medos, há uma criatura terrível que puxa para debaixo da cama todas as crianças que fazem birra para dormir, e prende-as na cave, onde elas ficarão para sempre acordadas sem fecharem os olhos, sem descansarem e, o pior de tudo, sem sonharem. Essa criatura terrível é muito alta, magrinha como o arame, para poder enrolar-se debaixo da cama, à espera das crianças, e tem mãos tão grandes como metade dos braços e dedos tão compridos como os braços inteiros, para agarrar bem as crianças e levá-las para a cave. A criatura terrível chama-se Mão Que Puxa.»

Lili parou de ler com o coração mesmo a parecer que era um elefante a dançar-lhe dentro do peito.

— Como é que a minha mãe sabe? — disse ela, com uns olhos redondos de curiosidade que talvez nunca ficasse satisfeita.

— Foi a tua mãe que inventou Mão Que Puxa — disse o Homem Que Muda, numa explicação de braços abertos que foi dita de braços cruzados.

— A minha mãe *não inventa* coisas feias! — disse Lili, com duas rugas chateadas no meio das sobrancelhas, mesmo sobre a cana do nariz. — Só escreve histórias lindas, ficas já a saber.

— A tua mãe *não sabe* que o inventou. Não de verdade. Sabes, Lili, é que muitas criaturas só são criadas quando alguém se lembra delas. A tua mãe, sem querer e sem saber, libertou Mão Que Puxa quando o inventou para essa história.

— E como é que tu sabes isso tudo?

— Já ouviste falar em anjos-da-guarda?

— A minha mãe já escreveu uma história. Cada pessoa tem um que a protege, não é?

— Isso. Eu sou uma espécie de anjo-da-guarda, mas só para crianças. Sou um dos muitos guardiões dos sonhos, que protegem dos pesadelos. Tenho de enfrentar todo o tipo de monstros, fantasmas e criaturas responsáveis pelas coisas más que acontecem durante o sono. E há mesmo muitas coisas dessas para enfrentar.

— É, mas eu já não sou *criança* — disse Lili, com uma indignação de braços cruzados. — E não sei se acredito que a minha mãe ia inventar uma coisa má para me fazer mal.

— Lembras-te de quando começaram os teus pesadelos?

— Pois claro que lembro. Lembro-me muito bem, até, porque foi... — Lili silenciou-se com a lógica que a recordação lhe trouxe.

— Foi quando a tua mãe começou a escrever a história — disse o Homem Que Muda, como se a voz dele fosse a de Lili e, ao mesmo tempo, apenas um pensamento que ela não chegou a dizer em voz alta.

— Mas eu não faço birra para dormir — disse Lili, com a testa franzida numa falta de entendimento que lhe ultrapassava a capacidade de acreditar naquelas coisas.

— “*Só mais uma história, pai*” — disse o Homem Que Muda, com a voz exactamente igual à de Lili.
— “*Aquela do sapo príncipe, mãe.*”

Lili não soube imediatamente se havia de se espantar por o Homem Que Muda conseguir imitar a voz dela na perfeição ou se havia de rir-se porque ele ficava um bocado pateta com a voz dela.

— Mas isso não é birra — disse ela.

— *Só mais uma história* atrasa sempre a hora certa de dormir — disse o Homem Que Muda, com um gesto de mão estendida que se confundiu com um gesto de indicador esticado. — É só isso que interessa a Mão Que Puxa.

— Mas, então, não posso pedir para me lerem histórias na cama?

— *Histórias* é um pedido arriscado, Lili. Se for apenas *uma* história, que não atrase a hora certa de dormir, Mão Que Puxa não saberá que existes e não encontrará o caminho para debaixo da tua cama. Ouves *uma* história e adormeces, sem medos nem pesadelos. *Se* adormeceres à hora certa.

— E como é que eu sei a hora certa de dormir?

— São contas simples. Basta contares para trás as horas que precisas de dormir antes da hora certa de acordar.

— E como é que eu também sei a hora certa de acordar? Não tenho um despertador dentro da cabeça, sabes!

— Quando tens de acordar, durante a semana, para ires para a escola, os teus pais não te dizem que é *hora de acordar*?

— Não é preciso ser adivinho para saber isso.

— Pois não. Mas a hora certa de acordar é essa. Pelo menos, até tu saberes sozinha a hora de acordar.

— Queres dizer quando eu for *adulta*?

— Sim. Nessa altura, eu já não posso proteger-te de pesadelos, mas Mão Que Puxa também já terá esquecido que existes, porque os adultos são muito pesados e é uma chatice puxá-los para debaixo da cama. É por isso que ele prefere as crianças.

— Deve ser por isso que Mão Que Puxa não conseguiu puxar-me, porque eu já não sou *criança*.

O Homem Que Muda olhou Lili com uma ternura invisível na sua falta de expressão.

— Mas, *mesmo assim*, não queres Mão Que Puxa a dormir debaixo da tua cama, pois não?

— Pois, se calhar, é melhor não. Mas é mesmo só para *tu* ficares descansado, que esta casa nem tem cave. Mão Que Puxa não tem para onde me levar.

— Mas tem sótão. O poder dele é menor numa casa sem cave, mas o sótão é uma espécie de cave por cima da cabeça.

— Olha, já podias ter-me dito isso tudo antes, sabes!

— Não podia — disse o Homem Que Muda, com uma tristeza que não lhe deixou o rosto triste. — Numa casa com cave, o poder dele é maior. Na casa anterior, ele era mais poderoso do que eu, porque foi lá que foi criado. Só pude aparecer-te no sonho e avisar-te para não desceres à cave.

— E o que é que me acontecia, se eu tivesse descido *mesmo* à cave verdadeira?

— Mão Que Puxa ia roubar-te essa memória para construir uma cave no sonho que te parecesse mesmo verdadeira e ia convencer-te de que não estavas a sonhar. É assim que ele aprisiona as crianças no sonho, porque elas não sabem que estão a sonhar e não sabem que têm de acordar.

— Mas se só querias avisar-me, porque é que me assustaste no sonho?

— Desculpa-me, Lili, mas não tive outra opção. Era a única maneira de te fazer acordar antes que Mão Que Puxa entrasse no teu sonho para te levar.

— Pronto, se era mesmo a única maneira, acho que te desculpo. Mas olha, se foi a minha mãe que inventou Mão Que Puxa só há pouquinho tempo, como é que tu sabes isso tudo?

— A tua mãe só inventou Mão Que Puxa, não inventou os medos que existem debaixo da cama. E eu sei tudo acerca dos medos debaixo da cama, mas apenas tudo o que já se inventou. Não posso saber tudo o que ainda se há-de inventar. Mão Que Puxa ainda não está completamente inventado. Por isso é que certos detalhes ainda são pouco claros. Por isso é que não pude avisar-te que ele conseguia disfarçar-se de mim. Eu não sabia.

— Mas e sabes como é que se manda embora Mão Que Puxa?

— Tens de ser tu a mandá-lo.

— Sozinha?

— Terás ajuda.

— Tua?

— Da tua mãe.

— O jantar está quase pronto — disse a mãe, da porta da sala.

Lili voltou-se para ela e logo de seguida para o Homem Que Muda. Já só viu o pufe amarelo. *Que surpresa.* A mãe não o viu, mas se via Lili a espreitar o portátil... *Não ia ver.* O portátil estava fechado.

— *Alguém* tem de ir lavar as mãos — disse a mãe, com um estreitar de olhos de quem tinha a ligeira sensação de que lhe escapara ali alguma coisa. — Por acaso, não estavas a *espreitar* a história, pois não?

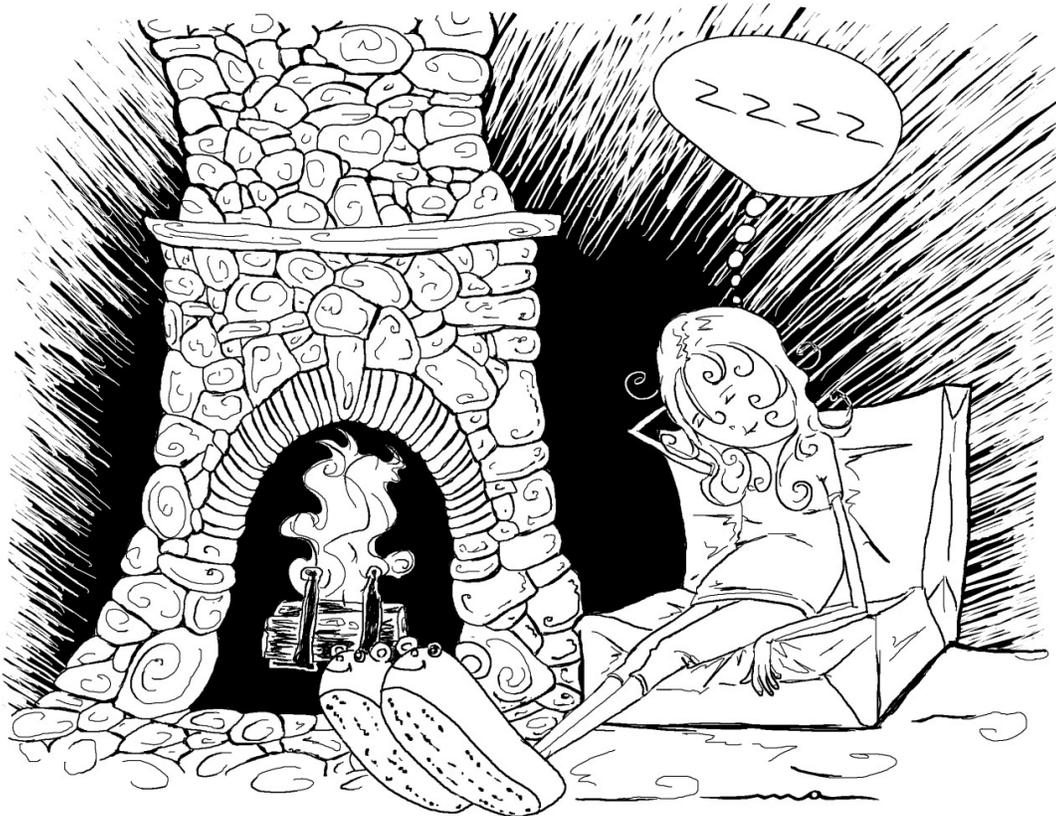
Lili esticou os lábios num sorrisinho amarelo.

— “*Só se lê no fim*” — disse Lili, numa tentativa de imitar a voz da mãe.

Levantou-se e passou pela mãe a esfregar as mãos, como se já as tivesse debaixo da torneira.

A mãe sorriu-lhe, mas sem se libertar da sensação de que algo lhe escapara. Inspirou fundo e abriu completamente a porta da sala, para deixá-la a arejar. Por algum capricho do nariz, pareceu-lhe que a sala cheirava a canela.

Bons sonhos.



Lili sentou-se numa cadeira improvisada com caixotes das mudanças, uma obra de arte em papelão oferecida pelo pai. A mobília ainda não tinha chegado toda da outra casa e as cadeiras da cozinha estavam atrasadas para o jantar. Mas havia mesa e já era alguma coisa. Bem, era uma mesa baixinha, que depois ia morar na sala, mas enquanto não chegava a mesa grande da cozinha tinha de servir. A mãe e o pai estavam sentados nos pufes gémeos, um ao lado do outro, de frente para Lili. O pai e a mãe gostavam de comer juntinhos, para poderem tirar comida do prato um do outro. Era coisa para rir, menos quando a sobremesa era leite-creme e o pai tentava meter a colher na taça da mãe. Aí era guerra. Mas, no fim, faziam as pazes e ficava tudo bem.

Lili encheu o prato, repetiu e terminou com uma bola de gelado com pedacinhos de caramelo. Uma barrigada de comida e de riso. Não ia ver um bocadinho de televisão, até chegar a hora de ir dormir, porque não havia televisão para ver. A televisão não estava atrasada como as cadeiras, apenas não havia *mesmo* televisão. O pai e a mãe não viam e Lili não lhe sentia a falta. Ainda podia ler um bocadinho, mas abriu logo a boca só de pensar na leitura. Tinha dormido muito pouco nas últimas noites, e a exploração da casa nova também a deixara cansada.

O pai disse que lavava a loiça e a mãe recompensou-o com um beijo. Pegou no pufe dela e foi para a sala escrever mais um bocadinho do livro.

— Parece que a louça fica por *nossa* conta — disse o pai, com uma curva nas sobrancelhas que era mais interrogação do que afirmação.

Lili olhou para a porta. Tinha esperança de conseguir inventar alguma artimanha para se poder escapar dos pratos e ir espreitar por cima do ombro da mãe.

— Pronto, por *minha* conta — disse o pai, com um sorriso resignado. — Vai lá.

Lili apertou o pai, num abraço pela cintura, e pegou na cadeira de papelão. Subiu-a para a cabeça e equilibrou-a no pensamento que planeava a *missão espionagem*.

— Lili — disse o pai, antes de ela passar a porta da cozinha. — Prometes que não vais interromper a mãe com *muitas* perguntas se eu te contar uma coisa?

Lili espreitou para a porta da sala e segurou a cadeira com as duas mãos quando acenou que sim com a cabeça.

— Se quebrares a promessa, *eu* é que vou ficar de castigo — disse o pai, com uma expressão dividida entre coisa séria e um sorriso.

— Prometo, pai — disse Lili, num sussurro de pacto secreto.

— A mãe disse-me que tu entras no livro novo.

Lili sentiu o coração dentro do peito a fazer de conta que era um elefante a dançar. Mas, desta vez, o elefante dançava em cima de tambores gigantes.

— Quero dizer, não és tu *mesmo* tu — disse o pai. — É apenas uma personagem chamada Lili, inspirada em ti. Pronto, agora já sabes. Mas, se fizeres muitas perguntas, a mãe vai descobrir logo que eu dei com a língua nos dentes. Segredo?

— Segredo — disse Lili, ainda com o coração-elefante dançante aos pulos dentro do peito.

O pai acabara de lhe confirmar que o Homem Que Muda disse mesmo a verdade. Foi mesmo a mãe que criou Mão Que Puxa, e ele sabia que Lili existia porque ela também fazia parte da história. Lili foi para a sala com o segredo a ocupar-lhe todo o pensamento. A mãe estava sentada no pufe, de lado para a lareira, o que era um problema. Não havia espaço suficiente para Lili se sentar entre a mãe e a lareira, e também ia levantar logo suspeitas se ela se sentasse do outro lado, sem receber o quentinho da lareira. Além de que a mãe não ia escrever uma linha se percebesse que havia uma espiã a espreitar para o ecrã. Lili ajeitou a cadeira de papelão, de lado para a lareira, e sentou-se de frente para a mãe. Talvez se se concentrasse o suficiente na parte de trás do ecrã ela conseguisse ver através dele. *Ná*. Ia ler as letras todas ao contrário, e a mãe ainda era capaz de acabar o livro antes de ela conseguir perceber uma frase. Afundou-se na cadeira e apoiou o queixo na mão, a pensar numa solução. A atenção fugiu-lhe para o ondular quentinho das chamas, que lhe deixou os olhos pesados, e adormeceu.

A mãe subiu os olhos do ecrã e observou Lili, com um sorriso aliviado. Se aquela cadeira de papelão oferecia a Lili uns minutos de sono calmo, sem pesadelos, ia deixá-la dormir um pouco antes de deitá-la na cama. Devolveu a atenção ao ecrã e fez uma pausa pensativa com as pontas dos dedos imóveis sobre as teclas. Escreveu.

«*A maneira de mandar embora Mão Que Puxa é oferecer-lhe amizade, e deixar que seja ele a proteger as crianças que caem da cama, durante o sono, em vez de as puxar para debaixo dela, para a cave onde ficariam eternamente acordadas, sem nunca mais sonharem com coisas boas.*»

— Hora de dormir — disse o pai, da porta da sala.

A mãe fez-lhe um gesto de *shh*, com o indicador na frente dos lábios.

O pai encolheu o pescoço quando viu Lili a dormir tranquilamente.

— Sem *incidentes*? — disse ele, num sussurro mais próximo.

— Até agora, sossegada — disse a mãe, num sussurro ainda mais leve, para não desafiar a sorte.

— E agora? Não podemos deixá-la assim a noite toda.

— Se a levas agora para cima, de certeza que acorda.

O pai apoiou uma mão na anca e coçou o queixo com a outra.

— Tenho uma ideia — disse ele, de indicador no ar.

Aproximou-se de um amontoado de caixotes e leu as letras escritas a marcador, em vários, que identificavam o conteúdo. Abriu um que dizia «*material de campismo*», e revolveu até encontrar um saco-cama.

— Que achas? — disse ele, com o saco-cama na mão. — Se calhar, vai doer-lhe um bocadinho as costas, de manhã, mas pode ser que consiga dormir melhor do que nas últimas noites.

— Não custa tentar — disse a mãe, com um encolher de ombros.

Pousou o portátil no chão e descalçou Lili com lentidão paciente, para não a acordar.

O pai estendeu o saco-cama ao lado da cadeira de papelão, abriu o fecho devagarinho, e ajudou a enfiar Lili lá dentro. Deixou estar o fecho aberto.

— Vou buscar uma almofada — disse ele, quase sem se ouvir.

A mãe afastou uma madeixa de cabelo da testa de Lili e fez-lhe um carinho. No fundo, sentia-se culpada pelos pesadelos. Sabia que era uma parvoíce, mas não podia deixar de pensar na coincidência entre o início dos pesadelos e o dia em que começou a escrever o livro novo, que era precisamente acerca de uma criatura que provocava pesadelos nas crianças e as levava para uma cave mística de onde jamais regressariam. E, ainda por cima, decidira chamar Lili à personagem principal da história. Se havia alguma lógica naquela coincidência só podia estar na possibilidade de Lili ter espreitado o computador e lido alguma parte que lhe provocou os pesadelos.

O pai regressou com a almofada e ajeitou-lha na posição que lhe pareceu mais confortável sem ter de mover muito a cabeça de Lili.

— Fiz como combinámos — disse ele. — Disse-lhe que ela faz parte da história.

— E?

— Pareceu-me genuinamente surpreendida.

— Então, não sei — disse a mãe, sem outra teoria que fizesse sentido. — Mas se ela não leu nada antes de ter os pesadelos, como explicas a coincidência?

— Pode ter visto apenas alguma das tuas notas de pesquisa — disse o pai, com um encolher de ombros. — Tinhas fotos de caves antigas um bocado assustadoras afixadas no teu placar.

— É possível. Mas não eram assim *tão* assustadoras. Se foi isso, depois de ler o final da história, ela vai perceber que não há motivo para ter medo de monstros que vivem debaixo da cama.

— Se há alguém capaz de escrever um final feliz, é a minha brilhante *esposa escritora*. Mas olha que, depois de ver aquelas fotos, até eu ficava com medinho se tivesse de dormir sozinho.

— Não sejas caguinhas.

Lili abriu os olhos, por uma fracção de instante, apenas para ter a vaga percepção dos sorrisos da mãe e do pai. Regressou ao sono e sonhou.

O sonho foi uma coisa estranha, como todos os sonhos são. Começou por parecer real, mas depressa Lili percebeu que alguma coisa estava mal.

Lili estava numa cave, e o Homem Que Muda estava sentado no chão, a um canto, com os pés atados e as mãos presas atrás das costas. Ele não tinha a boca tapada, mas sempre que mexia os lábios só saíam palavras mudas.

— Aqui, eu sou mais forte — disse Mão Que Puxa, ao sair da sombra escurecida do canto.

Agachou-se atrás do Homem Que Muda e entrelaçou-lhe os dedos compridos na frente da boca, como se precisasse de o deixar ainda mais mudo.

— Aqui, só fala quem eu quero — disse ele, com a sua voz de pimenta.

Lili sentiu umas picadelas no nariz, que pareceram mesmo reais, e as lágrimas subiram-lhe aos olhos. Ali, Mão Que Puxa devia ser mesmo mais forte, porque nem precisava de se aproximar para Lili ser incomodada por aquela voz de pimenta.

— A tua voz pica — disse ela, com um fio de lágrimas a escorrer do canto dos olhos.

Mão Que Puxa esticou um dedo de arame que se enrolou na cabeça de Lili até lhe tapar a boca.

— Só quem eu quero — disse ele. — Só fala quem eu quero. Deixo-te falar, se prometeres que só falas quando eu disser. Prometes?

Lili acenou que sim e o dedo fininho desenrolou-se, de regresso à mão grande, até recuperar o tamanho normal que nada tinha de normal.

— Podes falar — disse Mão Que Puxa.

— Porque é que és mau? — disse Lili.

Mão Que Puxa inclinou a cabeça e rolou os olhos para cima, num esforço de raciocínio.

— *Mau?* — disse ele, com aparente falta de entendimento. — Porque é que achas que sou *mau*?

— Queres prender-me na cave e queres que eu fique contigo para sempre. E se eu não quero que me prendas nem ficar contigo para sempre, isso é mau para mim.

Mão Que Puxa imitou o tique anterior, como se necessitasse de pensar seriamente naquilo.

— Se não queres ficar comigo, também é mau para *mim* — disse ele. — Porque é que não queres ficar comigo?

— Porque tu és mau.

— Mas se sou mau é porque tu não queres ficar comigo. Se quisesses, eu seria bom. E depois eras capaz de querer ficar comigo para sempre.

— Olha, mesmo que fosses bom, eu não podia ficar contigo para sempre. Também tenho de ficar um bocadinho com os meus pais, sabes? E outras pessoas. Não podemos ficar para sempre *para sempre* só com uma pessoa. Ninguém te ensinou isso? Ah, e tu não és mesmo *mesmo* uma pessoa.

— O que queres dizer como isso?

— És uma *criatura*.

Mão Que Puxa ergueu as mãos na frente da cara e observou os dedos fininhos de arame em todo o seu comprimento.

— Mas tenho corpo — disse ele. — Tenho braços e pernas, mãos e pés, tronco e cabeça. Tal como tu.

Lili ergueu as mãos na frente da cara e mexeu os dedos de maneira a que Mão Que Puxa os observasse bem e os comparasse com os dele.

— Não me parece — disse Lili. — Não és nada como eu. Eu sou uma pessoa e tu és uma *criatu...*

O resto da palavra abandonou os lábios de Lili sem som.

— Não falas mais! — disse Mão Que Puxa, com uma secura que até o deixou a ele sem voz.

Mão Que Puxa encolheu-se no canto oposto daquele onde o Homem Que Muda estava amarrado. Voltou-se para a parede e curvou o seu corpo magrinho de arame numa mágoa que ele não sabia dizer de onde vinha nem conseguia explicar.

Lili ouviu-o fungar um soluço triste.

— Estás a chorar? — disse ela.

Mão Que Puxa voltou-se com uma rapidez espantada e arredondou os olhos chorosos.

— Não devias conseguir falar — disse ele. — Eu não quero que fales. Cala-te.

Lili hesitou um instantezinho e humedeceu os lábios com a ponta da língua. Abriu e fechou a boca duas vezes, só para verificar que ainda funcionava.

— Se calhar, queres — disse ela. — Se calhar, até nem és mau.

— Só estás a dizer isso para eu te deixar ir embora.

— Tu queres ser mau? Eu acho que não. Ser mau é *mau*, sabes? Eu acho que tu queres ser bom. E se me deixares ir, provas que queres. Ah, e também tens de deixar ir o Homem Que Muda. Ele é bom.

— E se eu não deixar?

— Então, é porque és mesmo mau e vais ficar sempre triste porque ninguém vai querer ficar contigo de livre vontade. E as pessoas só são felizes a ficar umas com as outras quando querem ficar umas com as

outras. É como a minha mãe e o meu pai. Deixas-me ir?

— Não sei. O que é que eu vou fazer depois de me tornar bom? Só sei assustar crianças durante o sono. É a única coisa que sempre fiz, desde que me lembro.

Lili disfarçou um sorriso na direcção do Homem Que Muda e aproximou-se de Mão Que Puxa.

— Também não deve ser assim há tanto tempo — disse ela. — Se calhar, até só fazes isso para aí há uns *dois dias*, ou isso.

Mão Que Puxa sentiu uma confusão na memória que não o deixou lembrar de nada que tivesse acontecido há mais de dois dias. Agora que pensava nisso...

— Só me lembro de te assustar a ti — disse ele.

— Estás a ver? — disse Lili, com uma piscadela de olho para o Homem Que Muda quando Mão Que Puxa baixou o olhar. — Olha, há muitas mais coisas que podes fazer. Eu disse que ser mau é *mau*, mas ser bom é *bom*. Queres experimentar?

— Se eu experimentar, tu ficas comigo?

— Só se te esforçares mesmo para seres bom. Mas digo-te já que não pode ser para sempre. Nem tu queres ficar comigo para sempre. Eu consigo ser um bocado chatinha, às vezes.

— Posso tentar — disse Mão Que Puxa, com ar de criminoso arrependido que estava disposto endireitar-se e a mudar de vida. — Mas não sei ser bom.

— Eu ajudo-te — disse o Homem Que Muda, de pé, com as cordas que o prendiam desatadas no chão.

Mão Que Puxa sentiu uma fraqueza que o impediu de esticar os dedos para silenciar o Homem Que Muda.

— Enganaste-me? — disse ele, para Lili, num tom derrotado.

— Ajudou-te — disse o Homem Que Muda. — Se a Lili não te tivesse convencido a aceitares que podes ser bom, eu teria de te destruir.

Lili fitou o Homem Que Muda com um espanto curioso.

— Queres dizer que tu és *mais forte*? — disse ela, com uma pontinha de indignação.

— Agora sou — disse o Homem Que Muda. — Porque tu acreditas. É assim que funciona, lembras-te?

— Não podias ter dito logo, no primeiro sonho, que era isto que eu tinha de fazer? — disse Lili, com um cruzar de braços consideravelmente indignado.

— Tinhas de ser tu a descobrir, Lili — disse o Homem Que Muda, num tom gentil que não passou de uma afirmação seca. — Ninguém pode combater os teus medos por ti. Tal como tinha de ser Mão Que Puxa a aceitar o seu lado bom. Assim, posso ajudá-lo a ser.

— E como vais fazer isso? É que as pessoas não mudam assim de repente, nem por magia.

Mão Que Puxa tocou o ombro de Lili com os seus dedos fininhos de arame.

— As *pessoas* talvez não — disse ele. — Mas eu sou uma *criatura*.

Pela primeira vez, desde que se lembrava; que era, e bem dizer, em dois dias; Mão Que Puxa sorriu.

O Homem Que Muda reconheceu naquele sorriso o primeiro sinal honesto de que Mão Que Puxa podia mesmo tornar-se bom.

— Não te chamarás mais Mão Que Puxa — disse o Homem Que Muda. — Terás um nome *bom*. Vais chamar-te Mão Que Protege.

O Homem Que Muda apertou-lhe a mão, num cumprimento formal de contrato que foi um gesto amigável de amizade.

Mão Que Protege sentiu um calor agradável que lhe percorreu todo o corpo magrinho de arame e o preencheu de uma sensação macia e leve. As mãos grandes, com dedos compridos e fininhos de arame tornaram-se luvas ainda maiores, com dedos largos de papelão.

— Mão Que Protege tem de ter toque macio — disse o Homem Que Muda. — A partir de agora, em vez de puxares as crianças para debaixo da cama, vais ampará-las para que elas não caiam da cama durante o sono.

— E também podes apanhar-me se eu cair — disse Lili. — Eu já não sou criança *criancinha*, mas isso não importa. E quando eu já for *mesmo* adulta; já não falta assim muito; podes ir apanhar outras criancinhas. Bebezinhos, e isso, que são mais pequeninos e podem magoar-se mais se caírem da cama.

O Homem Que Muda aproximou-se de Lili como quem se afastava.

— Tenho de ir — disse ele.

— E não voltas?

— Outras crianças *criancinhas* precisam de mim — disse o Homem Que Muda, com uma piscadela de olho que ele conseguiu com os dois olhos abertos. — Agora tens Mão Que Protege para te guardar o sono.

Lili olhou para Mão Que Protege, que admirava as suas novas mãos de papelão com um sorriso muito satisfeito de quem as usaria com orgulho.

— Parece-me que é um acordo *bom* — disse Lili. — Eu durmo descansadinha e Mão Que Protege fica comigo um bocadinho, durante a noite.

Mão Que Protege sorriu para Lili, por entre os dedos de papelão. Ele concordava que aquele era mesmo um acordo bom. Muito melhor do que ser destruído pelo Homem Que Muda.

— Sonha com coisas boas, Lili — disse o Homem Que Muda, num sussurro que foi uma voz distante.

Lili sabia que estava a sonhar, e era uma coisa um bocado parvinha isso de ter sono quando já estava a dormir, mas foi isso mesmo que aconteceu. Bocejou e esfregou as pálpebras fechadas que já quase nem conseguiu voltar a abrir.

O Homem Que Muda observou o cuidado com que Mão Que Protege pegou em Lili com as suas mãos de papelão, e esboçou um sorriso que não se confundiu com qualquer outra expressão. Beijou-a na testa e observou-lhe um pedacinho do sono tranquilo.

Mão Que Protege ajeitou Lili nas suas mãos de papelão, e quando olhou para o Homem Que Muda já ele tinha viajado para outro sonho.

— Encontrei o final perfeito — disse a mãe.

O pai subiu os olhos sonolentos do bloco de esboços e endireitou-se no pufe. Podia ser que ele tivesse adormecido uns minutinhos e ainda estivesse meio a sonhar, mas quase podia jurar que a sala cheirava a canela. Pousou o bloco, que tinha um desenho inacabado de Lili a dormir tranquilamente, com um balão de pensamento a transbordar de unicórnios, arcas de tesouros, fontes a escorrer arco-íris e um anjo-da-guarda a dar-lhe um beijo na testa.

— Lê — disse ele, durante um bocejo.

A mãe sorriu uma satisfação iluminada pela claridade do ecrã e leu oito palavras mágicas.

«*Lili adormeceu tranquila e sonhou com coisas boas.*»

~~~~~

## O autor

O autor só fala de si mesmo na terceira pessoa quando tem de falar do autor ou, é claro, quando pratica a extraordinária arte da feitiçaria imaginativa — há quem lhe chame *Escrita*. Se houvesse na minha vida lugar para gatos, teria dois e um seria um *Gremlin* disfarçado. Tenho um furão e uma hiena — ambos imaginários.

### Outros trabalhos

[A invenção de um conto de fadas](#)

[Perguntas-me?](#) (gratuito)

[Z](#) (gratuito)

[Coração Atómico](#) (gratuito)

[Legado Vermelho](#) (gratuito)

[A Linha Recta do Corvo](#) (gratuito)

### Ligações

[Página oficial](#)

[Blogue](#)

[Smashwords](#)

[Goodreads](#)

[Facebook](#)

[Twitter](#)